

## Identidade e Personificação do Lugar na Apropriação do Espaço pelos Nativos de Ibiraquera, SC

*Identity and Personification of Place in the Space Appropriation by Native of Ibiraquera, SC*

<http://dx.doi.org/10.5007/2178-4582.2013v47n1p117>

**Rosa Nadir Teixeira Jerônimo e Teresinha Maria Gonçalves**

*Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma/SC, Brasil*

O presente artigo é resultado de uma pesquisa de mestrado realizada na comunidade tradicional de Ibiraquera, Imbituba, estado de Santa Catarina. O estudo teve como objetivo compreender o processo de apropriação desse espaço, a partir do enfoque teórico da Psicologia Ambiental. A pesquisa de abordagem qualitativa refere-se a um estudo de caso com dez moradores pertencentes a famílias tradicionais da pesca artesanal e da agricultura de subsistência da comunidade local. A coleta de dados consistiu na realização de entrevistas com relatos de histórias de vida. As principais categorias de análise foram a construção da identidade de lugar e a personificação do lugar, constatando-se que esses dois processos se complementam e podem ser observados na apropriação do espaço, no qual cada habitante, na sua singularidade e na coletividade da comunidade, marca o espaço nativo, por meio do afeto, da estética, do simbolismo e da cultura.

**Palavras-chave:** Identidade de lugar – Personificação do lugar – Apropriação do espaço – Espaço nativo.

*This article results from a Master thesis carried out at the traditional community of Ibiraquera, Imbituba, state of Santa Catarina. The study aimed to understand the process of appropriation of this space, based on the theoretical ground of Environmental Psychology. The research adopted a qualitative approach and refers to a case study over ten residents that belong to traditional families of artisanal fisheries and to the local subsistence agriculture community. The data collection consisted on interviews with life histories accounts. The main categories of analysis were the construction of place identity and personification of place. The findings show that these two processes are complementary and can be observed by the space appropriation in which every inhabitant, in its uniqueness and in the collectivity community, mark the native space, through affection, aesthetics, symbolism and culture.*

**Keywords:** *Place Identity – Personification of Place – Space appropriation – Native space.*

### Introdução

O presente artigo visa compreender o processo de apropriação do espaço dos nativos da comunidade de Ibiraquera em Imbituba-SC. O espaço compõe uma das categorias fundamentais da Geografia relevante no estudo da Psicologia Ambiental. É o espaço que inclui categorias como lugar, área, região, território, habitat, paisagem e população. Santos (1997) descreve o espaço como um intermediário das relações que se estabelecem entre o sujeito e os objetos, ou seja, o espaço é o que resulta da ação humana sobre o este mesmo espaço. O estudo do significado do espaço na Psicologia Ambiental envolve,

segundo Jerônimo e Gonçalves (2008), uma compreensão ampla das interações psicossociais dos sujeitos com seus grupos, comunidades, culturas e com seus espaços geográficos. É a partir dessas relações e interações que as pessoas vão se apropriando dos lugares, personalizando-os e deixando suas marcas.

Assim, apropriação do espaço tem como indicador a manifestação da identidade de lugar das pessoas e das comunidades, pois as relações sociais, culturais e históricas que se dão no mundo concreto e simbólico vão se constituindo no contexto no qual o sujeito é construído. Entende-se que o sujeito é construído no seu contexto, no qual as dimensões afetivas, cognitivas e comportamentais ajudam a tecer uma rede que envolve o espaço físico-social e os lugares mais íntimos, mais significativos. De acordo com Proshansky (1976), a identidade de lugar (*place identity*) é caracterizada pelas lembranças de imagens, sentimentos, valores e atitudes que fazem parte de suas vivências com os lugares e com o seu próprio eu. É o reconhecer-se no espaço.

Este espaço é, muitas vezes, apropriado pelo coletivo (cultura); outras, pelo sujeito, enquanto ser singular e cuja particularidade se expressa na forma como ele se apropria do espaço. O fato é que, no espaço apropriado, o sujeito se reconhece. Em Ibiraquera, os espaços relacionados aos habitantes mais velhos foram apropriados e transformados com o seu trabalho na terra. As marcas deixadas pelo trabalho na lavoura, por meio das roças, dos quintais e dos caminhos faz com que estes habitantes sejam reconhecido até pelo forasteiro que entra no lugar. A expressão personificação do lugar (POL, 1996) é significada pelas marcas deixadas pelo sujeito.

Pol (Ibid.) diz que a apropriação resulta de um processo complexo, definindo as seguintes considerações: o sujeito acha-se a si mesmo por meio de suas ações; não é somente domínio legal, mas domínio dos significados, que nasce de um saber histórico mediatizado socialmente; não está ligada à posse material, mas sim ao estilo de vida; deve ser sempre considerado dentro de um contexto sociocultural concreto, em que cada cultura fornece elementos de apropriação próprios, enfim, é um processo dinâmico de interação do sujeito com seu ambiente. Proshansky (1976), por sua vez, enfatiza a integração do mundo interno e o ambiente do sujeito por meio do processo de apropriação do espaço. Ao mesmo tempo em que o sujeito se apropria do espaço e dos lugares, mais ele se apropria de si mesmo. A transformação do espaço em um lugar que dê segurança, que permita a manifestação da identidade de lugar, que evidencie os valores, as referências, os afetos é um espaço apropriado pelo sujeito.

A relevância deste estudo está em compreender que a apropriação do espaço pelos habitantes de uma comunidade pode ser compreendida na relação estabelecida entre os conceitos de identidade e personificação do lugar.

## **Material e método**

Este estudo foi realizado por meio de pesquisa de campo, com abordagem qualitativa, tendo como principal método o estudo de caso. A unidade de in-

tervenção foi a comunidade tradicional de pescadores artesanais e agricultores de subsistência do bairro de Ibiraquera, município de Imbituba, no sul do estado de Santa Catarina. A amostra foi composta por 10 nativos da comunidade, tendo como critérios a idade (avós, e netos com mais de 16 anos) e o tempo de habitação do local (sujeitos que sempre moraram em Ibiraquera por mais de 4 gerações). Participaram da pesquisa 5 famílias, contemplando um idoso e um jovem de cada família nativa. Vale ressaltar que todos os procedimentos éticos foram observados, desde a escolha dos sujeitos, a apresentação da proposta da pesquisa e assinatura dos termos de compromisso. A todos foi assegurado o direito ao sigilo, anonimato, privacidade e a recusa de participação a qualquer momento, em consonância com as normas<sup>1</sup> observadas pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UNESC quando da avaliação e aprovação do projeto de pesquisa.

A coleta de dados teve como principal técnica as histórias de vida e a composição fotográfica dos espaços apropriados, com ênfase no registro etnográfico do cotidiano dos habitantes nativos de Ibiraquera. Primeiro, os sujeitos narraram sua experiência como habitantes de Ibiraquera desde a infância; depois, foram convidados a ir até os lugares de apropriação para fotografá-los. Posteriormente, os relatos foram transcritos, lidos e validados pelos sujeitos, bem como as imagens por eles indicadas. As duas técnicas (narrativa e fotografia) aprofundaram o reconhecimento dos espaços por meio da identificação e personificação dos lugares. As paradas até os lugares mencionados nas narrativas conduziram os sujeitos ao movimento de se reconhecer como parte do ambiente, ou seja, como pertencentes àquele lugar.

A análise dos dados foi norteada na proposta de Minayo (2002), baseando-se na compreensão das falas dos sujeitos e nos conceitos da Psicologia Ambiental, integrados em três momentos: o da ordenação dos dados colhidos nas entrevistas, revelação e sequenciamento das fotos; o da classificação dos dados, categorizados segundo os conceitos de apropriação do espaço, identidade de lugar e personificação do lugar; e o da análise final, estabelecida na articulação entre os dados coletados e o referencial teórico em Psicologia Ambiental.

## **Do processo de construção de identidade**

Identidade é um tema complexo e objeto de discussão nas Ciências Sociais, que abrange a Filosofia, a Sociologia, a Antropologia e a Psicologia, e contempla diferentes enfoques teórico-metodológicos. Na perspectiva de Ciampa (2001), a identidade pode ser definida como um conjunto de características próprias e exclusivas de uma determinada pessoa, permitindo que o sujeito se perceba como um ser único, que toma posse da sua realidade individual e que, portanto, tem consciência de si.

---

1 Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996

A identidade do “eu” implica um processo contínuo, que começa no nascimento e se estende até a morte, apresentando-se em todos os estágios da vida humana com o sentido de reconhecimento, estruturação, afetividade e sentimento da própria pessoa para consigo mesma. A identificação segue os modelos que abrangem a família, amigos, cultura, valores e ambiente. Para existir identidade humana, é necessário que exista a convivência humana. E a primeira delas, como afirma Damergian (2001), está relacionada ao vínculo que se estabelece entre a mãe e o bebê, ou a pessoa que representa o cuidado, a segurança e o afeto e que serve de mediadora das relações intra e interpessoais. Essa noção de identificação remete às ideias de Tuan, para quem “os adultos são necessários, não somente para a sobrevivência biológica da criança, mas também para desenvolver seu sentido de mundo objetivo” (TUAN, 1983, p. 26). Esse sentimento pôde ser confirmado por meio das falas dos entrevistados que enfatizaram a identificação com os pais nas suas dimensões afetivas, sociais e culturais.

A identidade de papéis é iniciada nas relações entre pessoas que desempenham papéis sociais importantes na vida de cada um, como: pais, parentes, amigos. Desde crianças, os sujeitos já vão se identificando de maneira consciente ou inconsciente com essas pessoas significativas, e, desse modo, vão assumindo e experienciando papéis que servem de base para o estabelecimento da sua identidade futura (JERÔNIMO, 2012). Seguindo a compreensão da construção da identidade do nativo e a definição de papéis, tem-se como referência o modelo patriarcal, conceituado como uma “estrutura familiar que não somente identifica o indivíduo pela origem paterna (patrilínea), mas ainda dá ao homem o direito prioritário sobre o filho e um poder sobre a pessoa de sua esposa” (PRADO, 1981, p. 51). Nascidos em uma cultura que traz um modelo de homem dominante e autoritário (BLY, 1991), comprovou-se a importância do pai - e da figura masculina - na vida dos sujeitos como elemento de identificação dos modos de ser e de viver dos filhos. O pai, segundo os nativos idosos, encerra a disciplina e o ensino para o trabalho, a partir de um contexto cultural autoritário e sexista centrado numa identidade ditada pelo poder masculino.

Todas as narrativas dos nativos remeteram a Reis (2001), que enfatiza a família como a primeira mediadora entre o sujeito e a sociedade, formadora da primeira identidade social, o primeiro “nós”. Ideologicamente falando, a família de Ibraquera lembrada pelos idosos, ainda era marcada por relações rigidamente hierarquizadas e estabelecidas pela tradição. O papel de filho e de mulher era dirigido para a obediência e submissão quanto às funções laborais tanto quanto à divisão sexual. A família tradicional ainda se mantém dentro da comunidade de Ibraquera, mas não mais com todo autoritarismo trazido pelos idosos.

Para os jovens, os pais e parentes ainda são seus referenciais de construção da identidade, no que se refere à transmissão de valores, comportamentos, à estima e manutenção da cultura. Com base em Morin (2005), é possível afirmar que os avós e as pessoas idosas são referências marcantes para todos os

entrevistados, tanto para os familiares quanto para a comunidade, retratando valores de permanência, de sabedoria e de segurança. Esse fato nos remete à Follmann, ao ressaltar que “[...] a identidade não existe, a não ser na forma de manifestação da capacidade autônoma dos indivíduos e grupos na construção de sua história” (2001, p. 49).

Neste novo modo de estar em família, a construção da identidade de papel se dá pelo processo que envolve a relação filhos-pais-sociedade na produção de uma história pessoal com mais liberdade, sem perdas dos valores coletivos. Muitos papéis, de acordo com Jerônimo (2012), se diferenciam e interagem na identidade do nativo de Ibiraquera. Dentre os profissionais, foram destacados: o agricultor, o pescador, a costureira, a dona de casa, o vendedor, a benzeira, o estudante, a contabilista, o servente, o operário, o fazedor de bicos, entre tantas outras formas, das quais os sujeitos da pesquisa se utilizaram para identificarem-se, qualificarem-se e tornarem-se conhecidos por suas funções e seus papéis na comunidade.

Com os papéis, a identidade cultural também vai se construindo, a partir de fatores ambientais, biológicos e de relacionamento. Segundo Claval (1999), o sujeito se constrói também por meio da cultura: o saber fazer, as formas de sentir e de ver, os projetos são recebidos de seu ambiente cultural ou construídos a partir dos elementos por ele fornecidos. Sendo assim, o indivíduo tenta se aproximar dos modelos valorizados pela comunidade ou pela sociedade, procurando se elevar na escala social dos valores impostos por aquela.

Por viverem em um espaço ocupado por pescadores e agricultores, os habitantes de Ibiraquera conservam um fazer transmitido através das gerações e que se encontra em processo de esquecimento (JERÔNIMO, 2012). Os engenhos de farinha, assim como os produtos produzidos a partir da agricultura de subsistência, estão perdendo espaço. O saber construído na partilha do pescado entre os seus, ao longo das gerações e com os novos ocupantes, também lhes faz um convite e os insere em suas tradições culturais nativas. Porém, apesar das dificuldades, há uma força que os faz continuar marcando o espaço. O universo cultural interfere na história de cada ser humano, ressignificando a identidade cultural de cada um dentro do universo simbólico. Esses significados, produzidos e compartilhados entre todos os membros da sociedade, dão sentido à experiência e à existência de cada um, produzindo sentidos e símbolos que são representados nos valores da cultura.

Os valores culturais observados entre os nativos se relacionam à família, à religiosidade, às tradições culturais, ao respeito à terra e à água (mar e lagoa). Eles demonstraram entusiasmo ao falarem sobre suas origens açorianas, manifestadas concretamente nas tradições do boi de mamão, na crença das lendas da região, no respeito ao Divino Espírito Santo, no relato ambivalente quanto à prática da farra do boi e principalmente no culto aos santos e na participação das festas religiosas (Ibid.).

Embora marcado pela cultura, o nativo é também um ser de projetos. De acordo com Follmann, o ser humano é um permanente “ato de costurar no tempo e no espaço os seus projetos pessoais com os dos outros e com os proje-

tos coletivos das mais diversas procedências e direções” (FOLMANN, 2001, p. 65). Como o sujeito se coloca o tempo todo neste movimento, a identidade de projeto é fato no cotidiano das pessoas. A construção de uma nova identidade capaz de redefinir a sua posição na sociedade é buscada por meio do projeto individual dentro de um contexto sócio-histórico e cultural em que o sujeito está inserido. Na perspectiva de Follmann, “o estudo da identidade está marcado pelo pressuposto de que o ser humano é um ser de projeto” (2001, p. 45). Identidade de projeto é, portanto, o sujeito ter seu projeto de vida, saber o que quer e lutar pelos seus objetivos. Dessa forma, por meio do projeto, o jovem de Ibiraquera busca, na graduação por exemplo, um modo de ascensão social. Um caminho repleto de dificuldades e sonhos quase impossíveis para os jovens nativos que estudaram em escolas públicas e que procuram reescrever a sua biografia pessoal e coletiva registrada no seu vivido. Isto ficou muito claro na narrativa de um jovem nativo ao afirmar que ser pescador não faz parte de seu projeto de vida (JERÔNIMO, 2012).

Assim, percebe-se que as profissões de lavrador, pescador, costureira - tidas como tradicionais na comunidade - estão sendo, aos poucos, substituídas e desvalorizadas pelos jovens, que buscam outros projetos, nem sempre acessíveis. O trabalho informal, como o de pedreiro, servente, entre outros, assumidos pelos jovens de Ibiraquera, lhes traz desconfiança quanto ao futuro e à perda dos sonhos, tão importantes na permanência no espaço nativo.

## **A identidade de lugar**

O que dá identidade e aura a um lugar? Segundo Tuan (1983), o lugar tem um significado diferente quando se sabe quem dele se apropriou. De repente cantos, objetos falam uma linguagem diferente, simbólica dando personalidade e significados que eram ou são de seu proprietário. Assim como a identidade do sujeito vai se construindo neste processo, a identidade de lugar se dá pela projeção, no espaço, dos conteúdos internos do sujeito, como seus medos e afetos, assim como os valores, os costumes e as tradições culturais internalizados pelo sujeito. A construção de uma identidade comunitária surge das interações e das relações que os habitantes estabelecem entre si e com habitantes de outros lugares. Assim como a semelhança faz uma comunidade ser identificada por outra, a diferenciação também faz parte desse processo.

O reconhecer-se em um lugar refere-se à soma das lembranças, sentimentos, vivências e significados dos sujeitos que habitam um mesmo espaço. Gonçalves pontua que “o sujeito projeta-se sobre o espaço do qual se apropria, produzindo uma identificação entre sujeito e espaço. Esta reflete o modo de vida daquele que o habita. O espaço assume então uma dimensão cultural e social que o sujeito internaliza e representa” (GONÇALVES, 2002, p. 19). Corroborando essa ideia, os entrevistados lembraram o tempo em que a água da lagoa era limpa e o pescador podia comer peixe com carne saborosa. Tempo em que se respeitava o ciclo das espécies, muitas delas quase extintas, lem-

brando o cuidado com a terra na qual se plantava, e referindo-se à mudança dos lugares apropriados pelas gerações para a agricultura de subsistência, hoje transformados em espaço turístico. Tuan (1980) ressalta que o trabalhador rural tem uma fusão com a natureza, pois o apego à terra é profundo. Conhecem a natureza porque ganham a vida com ela, afinal, a terra é uma grande parceira.

Além do espaço da lavoura, os entrevistados descreveram a casa de barro de há algumas décadas atrás, nas quais os idosos moraram em suas infâncias. A fragilidade da casa de barro fazia com que os habitantes as reconstruíssem constantemente. A este respeito, Tuan (1983) observa que, como a sociedade camponesa não possui arquitetos, as casas são construídas pelas mãos de seus proprietários. A antiga casa de barro, tão forte na memória dos entrevistados, foi substituída por novas casas, construídas exatamente no mesmo lugar, o que revela o seu enraizamento e identificação com o lugar. Algumas moradias conservam ainda o engenho, com paredes sem cimento, lembrando as paredes das casas em que viveram na infância.

Quanto aos sentimentos trazidos com a recordações dos jovens sobre sua identidade de lugar, observam-se desabafos quanto à desconfiguração do seu lugar de origem. O prazer pelo verde, pelo espaço amplo e conhecido, pelas brincadeiras que necessitam de lugares sem empecilhos são lembrados com saudade, e também com descontentamento com os novos espaços construídos (JERÔNIMO, 2012). O posicionamento de alguns jovens em relação às mudanças que estão ocorrendo em Ibiraquera, em grande parte atribuídas ao turismo, relaciona-se não somente ao espaço geográfico, mas imperiosamente ao espaço sociocultural, o que repercute diretamente na identidade de lugar da comunidade. Segundo Lago (1996) é preciso atenção sobre a preservação dos recursos naturais das comunidades litorâneas que estão sendo invadidas pelo turismo sem planejamento. A mesma autora, observa que “o problema transcende o fato econômico e tem dimensões éticas, filosóficas, sociais, psíquicas” (LAGO, 1996, p. 66), corroborando o discurso dos nativos de Ibiraquera.

### **A personificação do lugar: os espaços coletivos**

A expressão personificação do lugar também envolve integração e interação do sujeito ao seu ambiente, sendo a marca humana a sua forma de maior expressão. Sansot (1996) denomina apropriação todo tipo de prática, por meio da qual se imprime como sua. Mediante a ação sobre o entorno, Gonçalves (2007) diz que o sujeito e a comunidade vão transformando o espaço, deixando suas marcas ou as suas estampas e o incorporam a seus processos humanos, que envolvem a cognição, a afetividade, a estética e a linguagem simbólica. Todo esse processo liga-se aos modos de vida e de habitar o lugar. Nas moradas antigas, observou-se o quintal de árvores frondosas e frutíferas, sobrepondo-se sempre os pés de anogueiros, cujos frutos eram utilizados para fazer o sabão, a cera para iluminação e, de seu tronco, até canoas.

A personificação dos lugares habitados pelos nativos de Ibiraquera é perfeitamente visível nos quintais que sinalizam a habitação atual ou abandonada de seus nativos. No quintal, nomeado também como “chácara” ou “pomal” pelos habitantes, encontra-se tanto um valor funcional como simbólico (JERÔNIMO, 2012). A árvore, segundo Chevalier (2005, p. 84), tornou-se “um dos temas simbólicos mais ricos e difundidos”, podendo simbolizar a vida, a verticalidade como a ascensão ao céu, a evolução trazendo os temas da morte e regeneração. Todos estes significados apareceram nas narrativas, nomeando o significado da árvore em suas vidas, marcando muitas vezes lugares com lembranças muito significativas.

Para os sujeitos, estas lembranças estão na figueira da casa de infância, nas árvores em que brincavam, no descanso embaixo do abacateiro e nas árvores que mantêm a privacidade do lar, na proteção da casa ao cortar o vento, no bambuzal que fazia a fronteira dos terrenos, na beleza das árvores do quintal, onde se destaca o anogueiro do qual se fez uma canoa, e o abacateiro que simboliza o nascimento do filho caçula, demarcando mais um ciclo de vida. Personificar um lugar envolve uma implicação do sujeito no espaço de corpo e alma (GONÇALVES, 2002): os órgãos dos sentidos, coração e afeto (TUAN, 1983), os pés, cabeça, braços e pernas (SENNET, 2003).

Os caminhos são outra forma de deixar marcas no lugar em Ibiraquera. Tuan (1983) mostra que esta rotina de ir e vir todo dia ao trabalho, procurando o caminho de volta para casa, oferece ao sujeito uma dimensão espaço-temporal de lugar, além de trazer um sentido real de voltar ao centro da vida. Na maioria das narrativas, percebe-se este caminho, o afundamento da terra de diversas maneiras: na lembrança da diversão, da dor, do frio, do trabalho, da escola, dos espaços ocupados pelos turistas e na expulsão de quem tinha, nos caminhos, uma forma de acelerar a caminhada, das idas e vindas pelas margens da lagoa ou do mar para cruzar fronteiras para além de Ibiraquera. Claval lembra que os caminhos também são pontos de referência que “resulta de uma relação sensorial com o espaço, sendo que este depende, além do círculo familiar percorrido a pé em todos os sentidos, do modo de locomoção utilizado” (CLAVAL, 1999, p. 192).

Os caminhos ainda são utilizados pelos nativos como atalhos para atravessar terras conhecidas, para chegar à lagoa e para as brincadeiras das crianças. Dessa forma, tanto os caminhos como as fontes naturais são marcas coletivas daquela comunidade. Destacou-se que as nascentes, conhecidas como fontes, foram muito cuidadas pelos antigos nativos de Ibiraquera, pois eram ali que as mulheres lavavam a roupa e, ainda, carregavam a água para beber e para as tarefas domésticas. Trabalho árduo, pois as fontes normalmente ficavam longe das casas. Segundo Chevalier (2005, p. 445), as fontes nas culturas tradicionais simbolizam a origem da vida, sendo que a sua sacralização é fenômeno universal por constituírem a “boca da água viva [...] que delas corre é como chuva, o sangue divino, o sêmen do céu”.

Como os nativos idosos sempre trabalharam com a lavoura - principalmente da mandioca e outras culturas de subsistência - suas casas possuem



o engenho de farinha agregado, evidenciando mais uma marca dessas habitações nativas. Assim, como menciona Lago (1996), os engenhos são parte da paisagem cultural e do espaço das famílias tradicionais do sul de Santa Catarina, neste caso, de Ibiraquera. Na *monumentalização* do espaço físico existe a recriação coletiva dos significados das pessoas e dos lugares. Além dos engenhos, dos quintais e dos caminhos, outros lugares construídos pelos habitantes de Ibiraquera personificam o ambiente físico e cultural.

Da mesma maneira, a igreja e seu entorno são lugares significativos para os sujeitos pesquisados de diferentes idades. A igreja é o lugar construído pela força da fé e da tradição cristã, muito forte entre nativos devotos de Nossa Senhora dos Navegantes. Como destaca Tuan (1983), é na arquitetura que o sujeito vai apurando a sua capacidade de sentir, ver e pensar. As imagens objetivas construídas pelo sujeito tornam os sentimentos e as ideias mais abstratas. No caso, a religiosidade mais concreta. A igreja católica de Ibiraquera eleva em sua torre uma barca com uma cruz representando a fé da comunidade em sua padroeira: Nossa Senhora dos Navegantes. Na tradição cristã, a torre, segundo Chevalier (2005), inspirada nas construções militares e feudais, tornou-se símbolo de vigilância e ascensão. A torre, no cristianismo, possui o significado de elevação.

A barca suspensa na torre da igreja católica de Ibiraquera também remete à reflexão do seu simbolismo. Na tradição cristã, a barca evoca a Arca de Noé, obtendo o significado de salvação. Bachelard (1986 apud CHEVALIER, 2005) traz uma compreensão da barca como elemento que evoca o seio ou o útero materno, o primeiro berço do ser humano. Nos elementos da igreja e da torre que eleva a canoa, representa-se também o objeto coletivo da comunidade de pescadores artesanais. Entre o real e o simbólico, entre o sagrado e o profano, entre o céu e a terra, existe o santo que faz a mediação para a concretização da fé, a salvação dos mortos e a elevação espiritual dos vivos (JERÔNIMO, 2012). Além do sentido religioso, a torre, na concepção de Claval (1999), serve como referência que se avista ao longe, como uma árvore ou uma colina. Tuan (1983) argumenta que as torres das igrejas foram dominantes, e ainda hoje elas são um dos elementos arquitetônicos de maior destaque nas comunidades tradicionais.

No entorno da igreja, aparece a praça como outro lugar apropriado pela comunidade. A praça é, principalmente, o lugar onde os jovens se reúnem, conversam, brincam de esconder e, de ré, mapeiam seus passeios noturnos. Jacobs (2000) lembra que a praça é geralmente um lugar reconhecido pelos sujeitos como um centro ou, no mínimo, um ponto de parada num local que se destaca. Seguindo a fala dos entrevistados mais jovens e as palavras da autora acima citada, Yazigi (2003) destaca o valor ecológico, estético e social atribuídos às praças. São nelas que, muitas vezes, se percebe o forte sentimento de pertença de seus ocupantes, pois é também neste lugar que as pessoas se aproximam e fortalecem o relacionamento com vizinhos e amigos.

O futebol é outra atividade social dos nativos, caracterizando-se como espaço social muito apreciado por eles. O campo do Juventus, construído pe-

los nativos de maneira simples, é um lugar cheio de lembranças, de encontro entre os idosos e de desejo para os jovens entrevistados. Pela sua simplicidade e por seu valor social e afetivo, torna-se também um lugar personificado pela coletividade nativa. O campo de futebol também vem acompanhado de outro lugar público, o “Bicão”, uma danceteria construída nos anos 1980 por um grupo de jovens de Ibiraquera bastante conhecida em todo o entorno do bairro. A dança constitui uma das práticas mais primitivas da humanidade, expressão de sentimentos por meio do corpo. A dança a que os entrevistados se referem é a dança da diversão, de uma parada para sentir o corpo, com emoções mais leves, sem pressões ou obrigações.

Outro lugar que apareceu como muito relevante nas entrevistas e que faz referência à *monumentalização* do lugar, é a ponte. A sua construção tem um lado funcional, por ter reduzido o esforço físico da comunidade para o comércio da farinha e do pescado, e por ter facilitado o acesso dos habitantes de Ibiraquera aos divertimentos em outras comunidades da região. Nas palavras de Tuan, a ponte é, ao mesmo tempo, um espaço “utilitário e um símbolo de conexão ou de transição de um lugar para o outro, de um mundo para outro” (TUAN, 1980, p. 230). Além deste significado, outros são atribuídos à ponte pelos nativos de Ibiraquera. Em época de temporada de veraneio, a ponte apresenta o seu lado simbólico, pois se transforma em trampolim para as pessoas que gostam de mergulhar no canal da lagoa de Ibiraquera.

Os nativos de Ibiraquera vivem num espaço cercado pela lagoa e pelo mar, com praias lindas, propícias à prática do *surf*. Dentro do espaço da praia, eles participam com grande frequência de atividades sociais ou laborais, como o futebol ou a pesca da tainha, porém o *surf* trouxe aos jovens a organização de uma associação que lhes dá uma identidade num lugar de forte sentimento de pertencimento (JERÔNIMO, 2012). Neste contexto da prática do *surf* pelos jovens nativos, a Associação de *Surf* da Praia do Luz foi *monumentalizada* pelos próprios nativos, oportunizando mais um significado de personificação de lugar. Claval (1999) diz que uma estátua ou um monumento pode despontar como um referencial de lugar. Mesmo sendo um esporte mundial com símbolos específicos - a prancha e o surfista, elementos de utilização contemporâneos e de uma prática de culturação - o *surf*, tem em Ibiraquera um monumento que marca o *surf* nativo.

### **A personificação do lugar: o objeto coletivo**

Tuan aponta que o lugar é uma classe especial de objeto: “[...] é um objeto onde se pode morar”. Assim, lugares e objetos definem e personificam o espaço (TUAN, 1983, p. 220). A canoa, por exemplo, é um dos objetos de maior apropriação pelos habitantes de Ibiraquera, pois até recentemente a pesca, juntamente com a agricultura, era o meio principal de sustento. Este elemento foi evocado nos relatos de todos os entrevistados masculinos, significando tanto o espaço laboral quanto o lúdico e o afetivo. A canoa ultrapassa, assim, o seu valor funcional, tornando-se elemento poético coletivo, evocador

de sentimentos, lembranças, saudades que transcendem o espaço pragmático. É o objeto que personifica as margens da lagoa e do mar de Ibiraquera. Por isso, precisa de cuidados, como a construção de ranchos que a protejam do sol e da chuva. O rancho acaba sendo o monumento que faz parte da cultura e da alma destes habitantes.

Segundo Chevalier (2005), a vida é uma navegação perigosa, e a canoa, um símbolo de segurança. As canoas são utilizadas como meio de oferecer mais segurança ao pescador, porém, sabe-se que é necessário ter grande habilidade para manejá-la, uma vez que ela pode ser virada ou afundada facilmente, principalmente quando utilizada no mar revolto. Ao identificar-se com a canoa, objeto poético, o pescador-nativo vê-se nele como um todo, como uma síntese. A marca deixada no mundo externo seja na lagoa ou no mar, mesmo que por poucas horas, é concreta. Na lembrança e na atuação, o sujeito se expressa nesse objeto poético.

### **A personificação do lugar: os lugares íntimos e singulares**

A casa é o primeiro espaço a ser construído e apropriado pelos seres humanos. Já na era primitiva, a humanidade, embora não construísse com tanto esmero este ambiente, habitava as cavernas, sendo nelas encontrados desenhos que delimitam uma marca de seus primeiros habitantes. Até hoje, a organização, a ornamentação e a decoração da casa refletem os hábitos, os valores e modos de vida de seus habitantes. A casa, como relataram os entrevistados, é o espaço que dá segurança e está repleta de significados que vão desde a luta para construí-la até a preciosidade de cada canto, a singularidade de cada objeto, a preferência por alguns móveis, o afeto pela casa habitada.

Esses significados remetem à Heimstra (1978), que postula ser a casa o abrigo físico para a família, além de ser o lugar para o desenvolvimento das atividades cotidianas e de proteção psicológica contra as pressões do mundo exterior. Ao falarem sobre as suas casas, sobre este mundo interior construído e sobre o valor atribuído aos lugares mais íntimos deste espaço, os sujeitos referiram-se a três lugares: à sala, ao quarto e à cozinha e, dentro deles, aos móveis, aos objetos significativos. Isto nos remete, novamente à Tuan (1983) pois, segundo este autor, todos os seres humanos têm seus próprios pertences e, talvez, todos tenham necessidade de um lugar seu, quer seja uma cadeira no quarto ou um canto no carro.

A sala teve um sentido diferente para cada um dos sujeitos, variando também o objeto de preferência. Na sala está a televisão, que os coloca em conexão com as notícias que acontecem no mundo, sendo também o lugar de interação social com os familiares. Heimstra (1978) coloca que a sala apresenta diferentes maneiras pelas quais as pessoas podem utilizá-la, passando pela privacidade, pela afirmação de propriedade ou de *status*, bem como pelo desenvolvimento do relacionamento social. A relevância do mobiliário interfere na percepção das pessoas, o que pode estar relacionado à utilidade, conforto e beleza para o ambiente. Neste caso, o sofá foi descrito pelos nativos como um

móvel que traz conforto e que traz proximidade, um contato corporal entre as pessoas. Embora se tenha a sala como o espaço domiciliar para recepção de pessoas, a cozinha - ou a cozinha conjugada à sala - é, para os entrevistados, o ambiente do relacionamento familiar e de vizinhança, adicionando-se a mesa como o móvel de integração, de respeito e de paz. A mesa, para o nativo, é o lugar onde as pessoas sentam, compartilham o alimento e as conversas. É o lugar sagrado da convivência. Dotterweich (1999) considera a mesa o lugar onde é servida a comida que alimenta o corpo e onde a família se reúne para partilhar da conversa que alimenta a alma.

O cômodo da casa mais apontado pelos entrevistados foi o quarto. E nas diferentes faixas etárias, com o mesmo significado: a privacidade. Para Heimstra (1978), as pessoas têm necessidade de privacidade, sendo que o quarto tem esta função de dar limites de acesso a estranhos. A apropriação do espaço envolve muitos aspectos e todos se relacionam com a afetividade. A casa é o lugar sagrado da proteção, porém, no quarto está mais definida a intimidade. Por essa razão, Dotterweich (1999) chama a atenção para este lugar pessoal, onde estão as coisas mais sagradas, e para o fato de que é necessário respeitar o direito de cada um de definir um território pessoal no qual a individualidade possa adquirir forma. Tuan (1983) afirma que a privacidade espacial não garante, naturalmente, a solidão, mas é uma condição necessária.

Em síntese, a casa experienciada como um lar está repleta de objetos que são conhecidos por meio do uso ou pelo valor estético e, como diz Tuan (1983), fazem parte da vida das pessoas, muitas vezes, adquirindo uma dimensão de fazer parte delas.

### **A personificação do lugar: os objetos singulares**

Para os idosos, os objetos que ornamentam suas casas estão diretamente relacionados às suas histórias de vida, às suas lembranças, à sua fé, aos êxitos conquistados com o trabalho. Os objetos não são simplesmente ornamentos encontrados na memória funcional; frequentemente, eles tomam uma forma simbólica, como relata Claval (1999). Estes são encontrados nos detalhes do cristianismo, marcando a fé e a descendência açoriana dos idosos entrevistados, por meio dos objetos sacros, da Bíblia e dos quadros, enfatizados nas narrativas, nas paredes e altares dos nativos.

O altar está, neste caso, ligado à religiosidade que pode ser encarada em duas conceituações: a tradicional, instituída que corresponde “ao sagrado que desperta efeitos de reverência, fascínio e medo”, e a de *religio*, que remete a uma atitude do ser humano “descrita como consideração e observação cuidadosa de fatores dinâmicos, concebidos como potências que influenciam a consciência e, portanto, a experiência.” (XAVIER, 2005, p. 91). Os nativos apresentam uma interação entre essas duas conceituações, pois, por meio de ritos, mitos e cultos, formalizam espaços físicos e culturais aproximando-se uns dos outros, assim como o “eu pessoal” do “eu transcendental”, por meio dos objetos crivados de significados.

A Bíblia é mais um objeto de apropriação universal, ocupando um lugar de destaque em muitos locais, desde os instituídos, como os religiosos, ou dentro das casas dos seguidores do cristianismo. A Bíblia pode ser um livro sagrado, lido periodicamente, ou pode ser tido como objeto simbólico de ornamentação e proteção, que manifesta a crença numa espiritualidade. O rosário, para Chevalier (2005), é também um símbolo sagrado em diferentes crenças religiosas, sendo que sua matéria e cor variam de acordo com a divindade. Porém, a declamação repetida possui, em todas as tradições, o simbolismo de conexão com um ser superior. Ao enfeitar sua casa, uma entrevistada deu dimensão poética a um rosário e a um pilão. Para essa nativa, o pilão simboliza o encontro entre gerações; ele representa, na sua geração, o pai e o filho. Simboliza também o trabalho artesanal, transmitido de pai para filho, de avô para neto, muito comum nas comunidades tradicionais. Saber e fazer que tomam parte de um único tempo, de um único processo. A mão do pilão passa a ser mais do que um socador; a mão é aquela que compartilha, que ajuda, que unifica o semelhante e o diferente (JERÓNIMO, 2012).

Merece registro que, entre os entrevistados jovens, os objetos de diversão são utilizados também como adornos para enfeitar os espaços mais íntimos, como o berimbau, pôsteres de ídolos do *surf* e a prancha. Assim, estes acessórios estão se tornando elementos importantes na vida dos jovens do lugar. Ao ser colocada dentro da organização do espaço, a prancha deixa de ter apenas valor de uso e passa a ter, portanto, um valor estético.

## Conclusões

A pesquisa permitiu concluir que o processo de construção da identidade e da identidade de lugar se dá por meio da personificação dos espaços físico, social, cultural e afetivo dos nativos de Ibiraquera. Com base nos conceitos e narrativas dos entrevistados, considera-se que, de acordo com o processo de construção de identidade, o “eu” do nativo ainda se constrói na família, na qual os papéis parentais de autoridade são igualmente muito fortes e se constituem, marcadamente, na subjetividade dos mais jovens. A cultura da comunidade tradicional ainda tem muito valor, principalmente no que se refere ao trabalho e ao respeito aos idosos e à religiosidade. De outro lado, os projetos de vida dos jovens estão sendo alterados, sendo que alguns conseguem alcançá-los, enquanto outros ainda apenas sonham com novas possibilidades.

Em relação à identidade do lugar, foi claramente observada a vinculação dos nativos ao seu lugar de origem, principalmente para aqueles que tiveram experiência com outros espaços. A personificação do lugar aparece nas marcas dos nativos em espaços coletivos e em lugares singulares. Neles, estão a *monumentalização* impregnada de sentimentos, do sagrado, de histórias que evocam imagens, símbolos e significados. Estes aparecem nos espaços da danceteria, no campo de futebol, na praça, na associação de *surf*, na igreja, na lavoura, na lagoa e nascentes. Nos espaços coletivos, os quintais, com o

imponente anogueiro, os engenhos conservados ao lado das casas dos idosos, nos ranchos e canoas que dão um colorido poético e cultural no entorno da lagoa e do mar. Os caminhos feitos ao longo de muitas idas e vindas também inscrevem marcas nativas para os habitantes e para os forasteiros.

Nos lugares singulares e de intimidade da casa foram identificados alguns cômodos e móveis repletos de significados para os entrevistados, como a sala (sofá), a cozinha (mesa) e com grande ênfase o quarto (cama). Nesses espaços muitos objetos foram apontados pelos sujeitos como indicadores de identificação nas suas histórias de vida, como o pilão, o rosário, medalhas, quadros e as pranchas, particularmente, entre os jovens. Alguns desses objetos já evidenciam uma transição de valores, de hábitos e de novos modelos de apropriação, trazidos com a mudança do espaço da comunidade. Entre os lugares e objetos sagrados, foram identificados o altar (lugar) e a Bíblia, representando o forte vínculo com a religiosidade e com a cultura açoriana.

Como se pode ver, a apropriação do espaço pelos nativos de Ibiraquera remete ao processo de construção de identidade e à personificação do lugar, em que cada um, na sua singularidade e na coletividade, marca o espaço por meio do afeto, da estética, do simbolismo e da cultura. Estes são elementos fundamentais para a autoestima e para o sentimento de pertença ao lugar do habitante nativo da comunidade tradicional de Ibiraquera. Por meio da construção da identidade que se amplia na identidade de lugar, e da personificação do lugar, o nativo vai imprimindo suas marcas e se reconhecendo no espaço. Constata-se que estes dois indicadores fazem parte de um mesmo processo, isto é, que se complementam e podem ser observados na apropriação do espaço.

Ao tomarem aquele espaço como seu, os entrevistados evidenciaram aspectos essenciais do processo de apropriação, ligados à afetividade (apego ao lugar), às relações (de solidariedade entre os habitantes, do respeito pela cultura, do vínculo familiar e dos conflitos dessas relações), à cognição (pelo sentido de orientação pelo espaço físico e evolutivo), à estética (na ornamentação, personificação dos espaços coletivos e singulares) e ao simbólico (nas formas e significados construídos). Todos esses aspectos enraizam as pessoas no processo de apropriação dos lugares.

Este estudo traz conceitos que se referem ao campo da Psicologia Ambiental integrados aos conceitos da Psicologia Social, que se misturam e se articulam de maneira tão indissociável quanto são indissociáveis a teoria e a prática, o ser humano e seu ambiente, a ciência e o cotidiano de todas as comunidades, representadas neste artigo, em especial, pelas comunidades tradicionais litorâneas, por vezes esquecidas pela Psicologia. Cabe aos psicólogos e pesquisadores de ciências afins resgatar o diálogo interdisciplinar e caminhar numa interação transdisciplinar que envolva o saber das comunidades tradicionais, as suas relações culturais, sociais, ambientais mantidas ao longo das gerações, para que possam contribuir para a construção de uma verdadeira cidadania com identidade planetária.

## Agradecimentos

À Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC, pelo apoio à pesquisa sintetizada no presente artigo, derivado da Dissertação de Mestrado de Rosa Nadir Teixeira Jerônimo, sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha Maria Gonçalves no Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA).

## Referências bibliográficas

- BLY, Robert. *João de ferro: um livro para homens*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 19 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- CLAVAL, Paul. *A geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 1999.
- CIAMPA, Antônio da C. Identidade. In: LANE, S.M.T & CODO, W. (Orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.p. 58 – 77.
- DAMERGIAN, Sueli. *A construção da subjetividade na metrópole paulistana: desafio da contemporaneidade*. São Paulo: Educ/FAPESP, 2001.
- DOTTERWEICH, Kass. *Terapia da família*. São Paulo: Paulus, 1999.
- FOLLMANN, José I. Identidade como conceito sociológico. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 37, n.158, p. 44-65. 2001.
- GONÇALVES, Teresinha M. *Cidade e poética: um estudo de psicologia ambiental sobre o ambiente urbano*. Ijuí: Unijuí, 2007.
- GONÇALVES, Teresinha M. *O processo de apropriação do espaço através dos modos de morar e habitar o lugar (uma abordagem psico-socio-ambiental do Bairro Renascer/Mina Quatro de Criciúma/SC)*. 2002. 246f. Tese (Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- HEIMSTRA, Norman W. *Psicologia ambiental*. São Paulo: EPU, 1978.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JERÔNIMO, Rosa N. T. *Cultura e natureza em Ibiraquera: poesia e conflitos numa comunidade tradicional*. Criciúma: EDIUNESC, 2012.
- JERÔNIMO, Rosa N. T. & GONÇALVES, Teresinha M. O processo de apropriação do espaço e produção de subjetividade. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, DF, v. 24, n.2, p. 195-200. Junho/2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/08.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2012.
- LAGO, Mara C. de S. *Modos de vida e identidade: sujeitos no processo de urbanização da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1996.
- MINAYO, Sueli F. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORIN, Edgar. *A humanidade da humanidade: a identidade humana*. 3 ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.

JERÔNIMO, Rosa N. T.; GONÇALVES, Teresinha M. Identidade e Personificação do lugar na...

POL, Enric. La apropiación del espacio. In: INIGUEZ, Lupicínio; POL, Enric. (Orgs). *Cognición, representación y apropiación del espacio*. Barcelona: Universitat Barcelona Publicacions, 1996. p.45-60.

PRADO, Danda. *O que é família*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PROSHANSKY, Harold M. *Apropiación et non apropiación (mis-appropriation) de l' espace*. [S.l., s.n.], 1976.

REIS, José R. T. Família, emoção e ideologia. In: LANE, S.M.T & CODO, W. (Orgs). *Psicologia social: o homem em movimento*. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. p 99 - 125

SANSOT, Pierre. *Poétique de la Ville*. Paris:Armand Colin, 1996.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SENNET, Richard. *Carne e pedra*. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: DIFEL, 1983.

\_\_\_\_\_. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

YAZIGI, Eduardo. Patrimônio ambiental urbano: refazendo um conceito para o planejamento urbano. In: CARLOS, A. F. A. (Org). *Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. p 253 - 265

XAVIER, Marlon. Religiosidade e problemas com o álcool: um estudo de caso. *Psicologia: Ciência e Profissão*. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF, v.1, n.1, p. 88-99, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n1/v25n1a08.pdf>> Acesso em: 27 jun. 2012.

Recebido em: 27/06/2012

Revisão em: 10/01/2013

Aceite em:19/01/2013

Rosa Nadir Teixeira Jerônimo é Psicóloga e Especialista em Saúde da Família (UNISUL), Mestre em Ciências Ambientais e Docente (UNESC).

Endereço para correspondência: Rua Rosita Danovith Finster, 990, Jardim Angélica. Criciúma/SC, Brasil. CEP 88804-800

E-mail: [rnj@unesc.net](mailto:rnj@unesc.net)

Teresinha Maria Gonçalves é Assistente Social (PUCPR), Mestre em Psicologia Social (PUCSP), Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento (UFPR), Docente (UNESC)

E-mail: [tmg@unesc.net](mailto:tmg@unesc.net)